

A INTERPRETAÇÃO EM TERMOS DE MUDANÇA ESCALAR SOBRE AS EXPRESSÕES DE MUDANÇA DE PREÇO

Zuo Qinren¹

up202202310@up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Este artigo investiga a interpretação linguística das expressões de variação do preço à luz da teoria da mudança escalar. A partir da distinção entre escalas lexicalizadas e não lexicalizadas e da tipologia escalar, proposta por Kennedy & Levin (2008), defende-se que a leitura aspetual dos eventos depende de forma decisiva da estrutura interna da escala associada ao predicado verbal. No caso do preço, considerado uma escala aberta, a telicidade decorre da presença de um valor de referência que delimite o alvo do movimento escalar. A duratividade, por sua vez, está relacionada com a possibilidade de decomposição do evento em subeventos, que são homomorficamente mapeados para valores correspondentes da escala. A interação entre estas duas propriedades permite distinguir entre eventos pontuais, processos culminados e processos não culminados.

Com base em dados reais extraídos de discursos económicos, demonstra-se que verbos de movimento como *subir* e *descer* admitem diferentes leituras aspetuais — télicas, atélicas, durativas ou pontuais — dependendo do contexto temporal, da estrutura da escala e da presença de marcadores aspetuais. A análise fundamenta-se na Relação de Movimento Generalizada de Beavers (2008), que permite representar movimentos escalares com retrocessos, interrupções ou oscilações. O estudo confirma, assim, que a estrutura interna do evento e a topologia da escala são fatores cruciais na interpretação de telicidade e duratividade nas construções linguísticas de variação de preços, oferecendo um contributo relevante para a modelação semântica dos eventos dinâmicos em contextos específicos.

PALAVRAS-CHAVE. Mudança Escalar, Expressões de Preço, Verbos de Movimento Direcionado, Homomorfismo, Relação de Movimento Generalizada.

ABSTRACT. This article investigates the linguistic interpretation of price-variation expressions considering scalar change theory. Building on the distinction between lexicalized and non-lexicalized scales and the scalar typology proposed by Kennedy & Levin (2008), it is argued that the aspectual reading of events crucially depends on the internal structure of the scale associated with the verbal predicate. In the case of price, considered an open scale, telicity arises from the presence of a reference value delimiting the target of the scalar movement. Durativity, in turn, is related to the possibility of

¹ Estudante do 3.º ano do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências da Linguagem.

decomposing the event into subevents, which are homomorphically mapped onto corresponding values of the scale. The interaction between these two properties allows for distinguishing between punctual events, culminated processes, and non-culminated processes.

Based on real data extracted from economic discourse, it is shown that motion verbs such as *subir* ('rise') and *descer* ('fall') admit different aspectual readings — telic, atelic, durative, or punctual — depending on temporal context, scale structure, and the presence of aspectual markers. The analysis is grounded in Beavers' (2008) Generalized Movement Relation, which accounts for scalar movements involving reversals, interruptions, or oscillations. The study thus confirms that the internal structure of the event and the topology of the scale are crucial factors in the interpretation of telicity and durativity in linguistic constructions of price variation, offering a relevant contribution to the semantic modeling of dynamic events in specific contexts.

KEYWORDS. Scalar Change, Price Expressions, Directed Motion Verbs, Homomorphism, Generalized Movement Relation.

1. Introdução

Dowty (1979) aponta que todos os predicados dinâmicos envolvem algum tipo de mudança e, portanto, só podem ser considerados verdadeiros num intervalo de tempo, uma vez que pelo menos dois momentos no tempo são necessários para que a mudança ocorra (cf. Hovav & Levin 2007). Por outras palavras, a mudança de estado não é tratada como instantânea, mas como uma transição que decorre ao longo de um intervalo de tempo, implicando um percurso entre dois estados distintos. Esta transição é temporalmente delimitada entre dois estados contrastivos, sem implicar necessariamente continuidade plena ao longo da escala. Nesse sentido, Dowty (1979) propõe uma redefinição do operador *BECOME* com base em intervalos temporais, superando os limites de uma semântica centrada em momentos pontuais. Esta reformulação permite que *BECOME* não seja apenas aplicável a mudanças instantâneas de estado, típicas de realizações mentais como *reconhecer* ou *descobrir*, mas também a eventos cuja mudança de estado ocorre ao longo de um intervalo delimitado. Assim, o operador pode ser usado para modelar mudanças graduais ou prolongadas, desde que haja uma transição clara entre um estado inicial e um estado final, sem que necessariamente se imponha a existência de uma progressão contínua no sentido aspetual estrito do termo 'progressivo'. À luz da proposta formalizada por Dowty (1979), a avaliação da verdade de uma frase que expressa mudança de estado depende de três condições

essenciais: (i) a existência de um subintervalo inicial em que a propriedade $\neg P$ é verdadeira, (ii) a ocorrência de um subintervalo final em que a propriedade P é satisfeita, e (iii) a inexistência de qualquer subintervalo próprio dentro do intervalo considerado em que ambas as condições anteriores também sejam verdadeiras. Esta última exigência garante que o intervalo seja mínimo, ou seja, o menor intervalo no qual a transição de $\neg P$ para P ocorre. Desta forma, o operador *BECOME* pode ser aplicado tanto a mudanças concebidas como instantâneas, quanto àquelas que se distribuem num intervalo temporal delimitado, sem implicar necessariamente uma continuidade plena ao longo desse intervalo.

Com base nesta proposta, segundo Tenny (1989), em certos tipos de predicação, o argumento interno direto do verbo pode ser interpretado, num nível semântico mais abstrato, como uma entidade cuja mudança de estado se expressa em função do tempo. Nestes casos, o evento torna-se medível, pois o seu desenvolvimento ao longo do intervalo temporal está associado a uma propriedade que varia gradualmente no argumento interno. A medição pode, assim, ser realizada com recurso a escalas, que representam formas previsíveis de progressão. Não entanto, esta análise não se aplica a eventos de mudança abrupta — como em *o vaso partiu-se* ou *a lâmpada fundiu* — em que não há qualquer tipo de gradualidade relevante na propriedade afetada. Hovav (2008) desenvolve esta ideia ao sugerir que todos os verbos dinâmicos têm, em princípio, potencial para se associarem a algum tipo de escala, mas na prática apenas certos verbos estabelecem esta associação de forma explícita. Assim, o autor distingue duas classes de verbos. Os verbos escalares denotam explicitamente eventos associados a mudanças escalares (como *aquecer*, ligado a uma escala de propriedade; *subir*, associado a uma escala de caminho; e *construir*, que envolve uma escala de extensão). Já os verbos não escalares não expressam diretamente uma mudança ao longo de qualquer escala, como *jogar* ou *rir*.

2. A estruturação da escala

As escalas, de acordo com a análise feita por Kennedy & McNally (2005) sobre os adjetivos, consistem em três parâmetros cruciais: conjunto de graus (D), que representam os valores de medição, dimensão (Δ), que indica o tipo de medição, e relação de ordenação (R) que se refere à maneira como os graus são organizados dentro da escala. Segundo a proposta de Hovav (2008), alguns verbos de mudança escalar podem incorporar o seu significado lexical numa escala, tal como mostrado na Tabela 1, dado que a associação à escala é considerada como uma propriedade lexical desses verbos. Isto quer dizer que os três

parâmetros são lexicalmente especificados no seu significado (cf. Fleischhauer & Gamerschlag 2014). Geralmente, tal escala corresponde a um adjetivo não derivado e o verbo que lexicaliza a escala denota uma mudança ao longo da escala na denotação do adjetivo, ou seja, uma mudança no valor do atributo para o tema do verbo (Hovav 2008). Este tipo de escala, chamado de escala lexicalizada, vincula-se aos atributos que podem ser medidos, como temperatura e largura.

| | Conjunto de graus | Dimensão | Relação de ordenação |
|------------------|-----------------------------|-------------|----------------------|
| Aquecer | Graus Celsius ou Fahrenheit | Temperatura | Aumento |
| Arrefecer | Graus Celsius ou Fahrenheit | Temperatura | Diminuição |
| Alargar | Metros | Largura | Aumento |

Tabela 1 – Estrutura de escalas lexicalizadas baseadas em três parâmetros.

Em contraste, as escalas não lexicalizadas, de acordo com Hovav (2008), são especificadas pelo referente do objeto direto, em vez do próprio verbo, pois a escala em questão não faz parte do seu significado lexical. Portanto, a escala de extensão/volume vincula-se a essas escalas. Por exemplo, na frase *leu um livro*, a escala consiste na extensão do livro e o verbo *ler* implica um processo que pode ser medido em termos de quantas páginas do livro é que o enunciador leu. As escalas de caminho distinguem-se de outros tipos de escalas porque são parcialmente lexicalizadas pelo verbo de movimento. Isto é, os verbos de movimento, de acordo com Fleischhauer & Gamerschlag (2014), não podem especificar lexicalmente todos os parâmetros de escala. Talmy (1985) propõe que esses verbos incorporam o caminho, indicando o curso seguido ou o local ocupado pelo argumento tema em relação ao argumento fonte, mas a distância ou a trajetória exata não é especificada no seu significado lexical. Por exemplo, os verbos *subir* e *descer* especificam a relação da ordenação dos graus, enquanto a dimensão e os graus se mantêm omitidos e só podem ser inferidos a partir do contexto, ou seja, a lexicalização de escala também depende do significado de outros papéis semânticos, como o tema, a fonte e o alvo, que se envolvem na mudança em questão.

Para além dos modos como são estabelecidas, as escalas, à luz do modelo teórico proposto por Kennedy & Levin (2008), *Degree Achievements*, podem ser classificadas, consoante as suas estruturas internas, em escala aberta e escala fechada. De acordo com os autores, a estrutura da escala relaciona-se com o significado lexical do adjetivo ou o do

respetivo verbo derivado. Uma escala aberta é graduável sem um limite superior ou inferior fixo. Por exemplo, os verbos como *escurecer* têm preferencialmente leitura télica, pois o uso destes verbos, num contexto sem a presença da explicitação morfossintática, implica, geralmente, o estado consequente positivo do adjetivo relevante, como “o céu escureceu”. Isso significa que os valores na escala são potencialmente infinitos em ambas as direções (ou ao menos numa delas) e não existe um ponto culminativo inerente ao predicado. Nesse sentido, não há ponto final ou ponto inicial obrigatório neste tipo de escalas. Já a escala fechada possui um limite máximo e/ou mínimo bem definido. O evento deste tipo de escalas pode ser interpretado como culminado, ou seja, télico, em que o participante que desempenha o papel semântico de tema atinge esse limite. Esta proposta serve de base para abordarmos a interpretação télica de um evento do ponto de vista de significado lexical do seu núcleo e de informações contextuais específicas.

Em geral, a escala aberta é representada pelas entidades como *altura*, *temperatura* e *peso*, enquanto as ações como *construção*, *secagem* e *encher* podem lexicalizar as escalas fechadas. Portanto, nas expressões de mudança de preço, a escala é especificada pela informação do preço, em que a unidade monetária serve de dimensão de medição, o conjunto dos graus é composto pelos quantificadores numerais cardinais e a relação de ordenação é indicada pelo verbo de movimento direcionado. Esta escala é preferencialmente considerada como aberta, permitindo, assim, o tratamento dos eventos atélicos.

3. Mudança escalar e expressão de mudança de preço

Uma mudança escalar envolve um conjunto ordenado de alterações numa direção específica nos valores de um único atributo e, portanto, pode ser caracterizada como um movimento numa direção particular ao longo da escala (Hovav & Levin 2007). Por outras palavras, a mudança do atributo do participante, seja volume, posição ou propriedade, resulta da progressão do evento de mudança escalar. Nesse sentido, Krifka (1998) aponta que esta correlação entre evento e escala pode ser representada pela função de homomorfismo. Isto quer dizer que os subeventos de um dado evento podem ser mapeados para pontos correspondentes na escala, na qual se incorpora o significado do atributo envolvido na mudança, denotando diferentes fases da mudança do atributo em causa.

Beavers (2008) considera que se verifica o homomorfismo na correlação entre o evento e a escala, unificando, assim, vários fatores anteriormente heterogêneos que fundamentam a telicidade num único mapeamento. O homomorfismo varia conforme as

características de diferentes tipos de escalas, pois as propriedades e requisitos do homomorfismo dependem diretamente da natureza da escala associada ao evento. Relativamente à escala de caminho, a *Relação de Movimento*, proposta por Krifka (1998), pode ser considerada como uma forma de homomorfismo entre eventos e escalas, seja em dimensão espacial ou em dimensão qualitativa. Esta proposta ilustra o mapeamento do evento para a escala de caminho ou a escala de propriedade, como temperatura ou preço. De acordo com Krifka (1998), *caminhar de um ponto A até um ponto B* é considerado como um evento e em que cada subevento e' corresponde a um subcaminho entre dois pontos intermediários na trajetória de A a B. O autor também salienta que o caminho se organiza em precedência e essa precedência é irreflexa, assimétrica e transitiva. Aliás, os subcaminhos não podem ocupar o mesmo espaço ou ser localizados no mesmo intervalo de tempo, mas um deve preceder o outro. Caso o movimento seja direcionado, os subcaminhos devem ordenar-se conforme a direção indicada pelo verbo ou contexto.

No entanto, Beavers (2008) critica a proposta de Krifka (1998) por assumir que os eventos de mudança seguem uma progressão constante, sem retrocessos nem interrupções. Tal exigência restringe a aplicabilidade do modelo à descrição de eventos complexos e variados. Segundo Krifka (1998), o mapeamento homomórfico entre eventos e escalas requer que a adjacência temporal entre subeventos seja preservada. Isto é, se dois subeventos são temporalmente contíguos, os segmentos correspondentes na escala também devem ser adjacentes. Contudo, este princípio torna-se inadequado ao ser aplicado a eventos como a variação de preço, que não envolve uma decomposição processual contínua.

Quando o evento de movimento incide sobre a variação do preço, a escala em causa não é espacial, mas sim uma escala de propriedade, introduzida pelo nome funcional *preço*. Esta propriedade denota “quanto se valoriza” uma entidade discreta ou uma determinada porção de uma dada substância e pode ser formalizada como uma função intensional que associa a entidade a um valor monetário num dado momento. Embora esta escala seja densa — admitindo múltiplos valores intermédios —, a mudança lexicalizada pelo verbo, como *subir* e *descer*, não pressupõe um percurso por todos esses valores, mas apenas a transição entre dois estados contrastivos: um estado inicial, em que a propriedade $\text{preço} = x$, e um estado final, em que $\text{preço} = x + \Delta$ (o caso de *subir*) ou $\text{preço} = x - \Delta$ (o caso de *descer*). Do ponto de vista aspetual, a estrutura interna do evento apresenta-se, portanto, como binária ($\neg P \rightarrow P$), conforme a definição do operador *BECOME* em Dowty (1979), e não envolve subintervalos onde a mesma transição se repita.

- (1) De acordo com os dados da Direção Geral de Energia e Geologia (DGEG), o preço médio da gasolina simples subiu 2,5 cêntimos na segunda-feira. (Carregueiro 2022)

O exemplo (1) ilustra a variação do preço como um caso de mudança escalar. O evento descrito envolve dois estados: um estado inicial, anterior à segunda-feira, em que o preço médio da gasolina era inferior, e um estado final, registado na segunda-feira, em que esse preço se fixou num valor 2,5 cêntimos mais elevado. Estes dois estados, embora sucessivos no tempo, estão claramente separados e delimitam os limites do evento lexicalizado pelo verbo *subir*. Tal como previsto na análise de Dowty (1979), este tipo de evento corresponde à aplicação do operador *BECOME*, que requer uma transição entre um estado inicial ($\neg P$) e um estado final (P), sem que ambos os estados sejam simultaneamente verdadeiros em nenhum subintervalo do tempo. Assim, a subida de 2,5 cêntimos é entendida como uma mudança abrupta e conclusiva, cuja estrutura interna não se reparte em subalterações incrementais observáveis ao longo do tempo. Por esta razão, este tipo de evento não é compatível com o modelo de homomorfismo estrito proposto por Krifka (1998), que exige que cada subevento do processo de mudança corresponda a uma subparte distinta da escala percorrida. Neste caso, não se trata de um percurso gradual ao longo da escala, mas de uma transição binária entre dois pontos contrastivos — antes e depois da subida — o que caracteriza o evento como pontual e culminativo.

Consideradas as limitações da conceção tradicional de *Relação de Movimento*, Beavers (2008) propõe uma generalização desta noção, de modo a acomodar eventos de mudança que não seguem um movimento linear contínuo. O autor introduz o conceito de *Relação de Movimento Generalizada*, que permite descrever eventos com retrocessos, movimentos circulares ou intermitentes, contrariando a exigência de progressão estritamente monotónica típica dos modelos anteriores, como o de Krifka (1998). Em termos formais, os predicados dinâmicos são definidos como descrições de um evento e que se relaciona com um tema x , sujeito a alteração, e com uma escala s que representa a dimensão da mudança (Beavers 2008). De acordo com Krifka (1998), esta estrutura corresponde a uma relação- θ , que associa argumentos a papéis temáticos específicos. No modelo de Beavers (2008), essa relação- θ aplica-se entre e e s , concebendo a escala como o domínio da mudança. Por outras palavras, a escala não é necessariamente tratada como um caminho físico, mas sim uma dimensão abstrata passível de ser percorrida de forma variada.

Esta abordagem permite explicar exemplos como em (2):

- (2) Depois de uma grande subida, o preço dos combustíveis vai descer. Especificamente, o litro da gasolina deverá ficar mais barato em um centímo e o gasóleo em três centímos. (SIC Notícias 2025)

Neste caso, a variação do preço não segue um movimento linear ascendente ou descendente. Esta frase relata que, após um aumento significativo anterior nos preços dos combustíveis, estava prevista uma redução dos preços num intervalo posterior. Este tipo de variação, ou seja, uma subida seguida de uma descida, exemplifica uma mudança reversível na direção da escala de preço, tal como previsto na *Relação de Movimento Generalizada* proposta por Beavers (2008), refletindo uma variação não monotónica, típica dos eventos de mudança escalar.

- (3) Desde 1 de Março, e contabilizando já a subida da próxima semana, a gasolina cresce mais 5 centímos, pelo que desde o início do ano se agravou em 14 centímos. (Sábado 2015)
- (4) O preço da gasolina tem-se agravado 19 centímos em três meses. (SIC Notícias 2025)

A diversidade das estruturas dos eventos pode também refletir-se num prolongamento do percurso do movimento escalar, através de combinação de eventos que manifestam propriedades pontuais com eventos que exibem propriedades durativas. A situação descrita no exemplo (3) pode ser reformulada de forma resumida, como é possível observar no exemplo (4), no qual se expressa explicitamente o resultado acumulado de uma série de alterações no preço da gasolina ao longo de um intervalo de tempo determinado. Enquanto o exemplo (3) enfatiza a adição de uma subida à subida processual registada a partir do início do ano, que pode ser considerada como um evento pontual, o exemplo (4) condensa esse percurso num único evento, um processo culminado, cuja extensão é delimitada pela expressão “em três meses”.

Assim, o exemplo (4) revela como é que se interpreta um evento de mudança escalar como um evento durativo. Este tipo de eventos enfoca a composição de múltiplas alterações sucessivas que afetam cumulativamente o valor monetário. Segundo Beavers (2008), este tipo de estrutura caracteriza um processo culminado, no qual a transição entre um estado inicial

(¬P) e um estado final (P) é realizada através de subeventos que percorrem gradualmente os valores intermédios da escala. Ao contrário das culminações, que representam mudanças pontuais e indivisíveis entre dois estados contrastivos, os processos culminados admitem decomposição interna e correspondem a um mapeamento homomórfico entre os subeventos e a escala percorrida.

Para além da duratividade, Beavers (2008) propõe a graduabilidade como o outro princípio regulador do mapeamento homomórfico entre eventos e escalas. Segundo o autor, uma escala é graduável quando admite subdivisões entre valores — como ocorre com o preço ou a temperatura — ao passo que uma escala não graduável é binária, contrastando apenas dois valores semanticamente relevantes, como *vivo/morto*. Esta distinção corresponde, em termos formais, à divisão entre escalas de dois pontos e escalas de múltiplos pontos, proposta por Hovav & Levin (2007), que relaciona diferentes tipos de escalas com os verbos que lexicalizam mudanças instantâneas ou graduais. O modelo desses autores fornece, assim, uma base formal para a análise composicional e aspetual dos predicados dinâmicos.

No domínio das expressões de movimento, os verbos que denotam mudanças instantâneas, como *chegar* ou *entrar*, estão tipicamente associados a escalas de dois pontos. Já os verbos que exprimem mudanças graduais, como *aquecer* ou *arrefecer*, relacionam-se com escalas de múltiplos pontos. Importa destacar que certos verbos, como *subir* e *descer*, podem comportar-se de modo ambíguo, sendo compatíveis com ambos os tipos de escala: como se observa nos exemplos (2) e (3), estes verbos admitem tanto uma leitura durativa como uma leitura pontual, dependendo da estrutura da escala implicada e da forma como o evento é delimitado pelo contexto.

- (5) Durante a pandemia, o preço do cimento aumentou para a maioria das construtoras.
(adaptado de Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) 2020)

A variação do preço nem sempre dá origem a eventos télicos, mesmo quando apresenta leitura durativa, como se pode ver no exemplo (5). A explicação desta leitura atélica precisa de ter em consideração a interação entre o aspeto e a estrutura escalar do predicado.

Por um lado, a expressão temporal *durante a pandemia* remete para uma interpretação processual, típica de eventos que se distribuem ao longo de um intervalo temporal contínuo sem implicar a sua conclusão. Segundo Moens & Steedman (1988), esta leitura corresponde à classe aspetual de processo, distinguindo-se dos eventos culminados pela ausência de um

estado final. Como observa Vendler (1957), os eventos processuais, ao contrário dos culminativos, cuja veracidade depende da realização do ponto em que se realiza a transição entre estados, caracterizam-se por serem homogêneos, ou seja, verdadeiros em todos os subintervalos relevantes do intervalo maior.

Por outro lado, à luz da análise de Kennedy & Levin (2008), a telicidade de predicados de mudança graduável depende da estrutura interna da escala lexicalizada. A escala denotada pelo nome *preço* é aberta porque não possui um limite máximo. Esta característica permite que o evento decorra sem culminação, especialmente na ausência de expressões que definam um ponto final. Assim, a leitura atélica do evento em (5) não resulta meramente da sua duração, mas também da ausência de um estado final pré-determinado na escala. O processo descrito é interpretado como uma mudança intensiva e indefinida. Tal facto sustenta a leitura durativa e atélica do predicado.

(6) O dólar devia estar a descer, mas está a subir. (Open Subtitles 2014)

A explicação sobre a leitura atélica do exemplo (5), apesar da diferença quanto ao tempo verbal, aplica-se também ao exemplo (6). Neste último, em vez de se localizar o evento por meio de expressão temporal delimitadora, como *durante a pandemia*, utiliza-se a perífrase *estar a + infinitivo*, indicando que o evento está em curso no momento da enunciação, sem referência ao seu início nem à sua conclusão. De acordo com Moens & Steedman (1988) e Vendler (1957), esta configuração aspetual corresponde à classe dos processos, caracterizada pela ausência de culminação e pela continuidade homogênea da eventualidade.

Nesse sentido, a frase só descreve uma mudança escalar ascendente do valor do dólar ao longo da escala, mas não se refere a uma data ou a um valor delimitados em que se realize a transição para o estado final desta mudança. Como esta escala não é intrinsecamente limitada, o progresso do evento em questão não está orientado para uma culminação. De acordo com Beavers (2008), esse tipo de configuração, em que há um homomorfismo entre o evento e uma escala não delimitada, caracteriza um evento durativo e atélico, ou seja, um evento que pode prolongar-se indefinidamente sem alcançar um estado final definido.

4. Conclusão

A interpretação da variação dos preços, em particular no que respeita à telicidade e à duratividade, está intimamente ligada à noção de mudança escalar. Por um lado, considerando

que o preço, à luz da tipologia de Kennedy & Levin (2008), constitui uma escala aberta, a leitura aspetual depende, em larga medida, da presença ou ausência de um valor que delimite o alvo da mudança escalar. Essa delimitação permite determinar se existe um estado final que funcione como culminação do evento, em que se realize a transição para o estado final, dando origem a uma interpretação de natureza télica. Assim, distingue-se o evento télico do evento atélico, os quais dizem respeito à variação de preços.

Por outro lado, a duratividade do evento depende da sua estrutura interna. Um evento é durativo quando pode ser decomposto em múltiplos subeventos, os quais são homomorficamente mapeados para valores correspondentes da escala, que podem estar distribuídos de forma contínua ou não linear ao longo de um intervalo temporal. A sequência desses subeventos não implica necessariamente progressão monotónica, podendo incluir retrocessos ou oscilações, desde que o percurso global da mudança seja semanticamente coerente. É essa estrutura interna que distingue os eventos durativos dos eventos pontuais e que permite, dentro dos durativos, diferenciar processos culminados de processos, dependendo da existência ou não de um ponto terminal intrinsecamente ligado à situação descrita. No caso das culminações, a mudança escalar é instantânea e indivisível. Já nos processos culminados, a culminação resulta da acumulação de subeventos orientados pelo percurso linear ou não, sendo decisiva a chegada a um valor que represente a transição entre dois estados. Em contrapartida, nos eventos processuais não culminados, o movimento escalar é orientado numa única direcção, mas não atinge um ponto final predefinido. Assim, a estrutura interna do evento relevante — isto é, a forma do percurso escalar lexicalizado pelo predicado — constitui um dos fatores principais e decisivos que condicionam a interpretação de telicidade e duratividade na variação de preços, refletindo diretamente a diversidade de leituras aspetuais que estas expressões podem assumir no discurso.

Referências

- Beavers, J. 2008. Scalar complexity and the structure of events. In *Event Structures in Linguistic Form and Interpretation* (245–266). Berlin/Boston: De Gruyter.
- Dowty, D. 1979. *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht/Boston/London: D. Reidel Publishing Company.
- Fleischhauer, J.; Gamerschlag, T. 2014. We're going through changes: How change of state verbs and arguments combine in scale composition. *Lingua* 141: 30–47.

- Hovav, M. R. 2008. Lexicalized meaning and the internal temporal structure of events. In *Theoretical and crosslinguistic approaches to the semantics of aspect* (13–42). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Hovav, M. R.; Levin, B. 2007. Reflections on the Complementarity of Manner and Result. [Unpublished manuscript]. Berlin: Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft, Humboldt University.
- Kennedy, C.; McNally, L. 2005. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language* 81(2): 345–381.
- Kennedy, C.; Levin, B. 2008. Measure of change: The adjectival core of degree achievements. In *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics, and Discourse* (156–182). Oxford: Oxford University Press.
- Krifka, M. 1998. The origins of telicity. In *Events and Grammar* (197–235). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Moens, M.; Steedman, M. 1988. Temporal Ontology and Temporal Reference. *Computational Linguistics* 14(2): 15–28.
- Talmy, L. 1985. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In *Language typology and syntactic description* (36–149). Cambridge: Cambridge University Press.
- Tenny, C. 1989. The aspectual interface hypothesis (Lexicon Project working papers, 31). Center for Cognitive Science, MIT.
- Vendler, Z. 1957. Verbs and Times. *The Philosophical Review* 66(2): 143–160.

Anexos

- Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC). 23 de julho de 2020. Durante pandemia, 95% das construtoras tiveram aumento no preço do cimento. <https://cbic.org.br/durante-pandemia-95-das-construtoras-tiveram-aumento-no-preco-do-cimento/>.
- Carregueiro, N. 5 de janeiro 2018. Preço da gasolina vai descer devido à alta do euro. *Jornal de Negócios*. <https://arquivo.pt/wayback/20180105212714/http://www.jornaldenegocios.pt/mercado/s/materias-primas/petroleo/detalhe/preco-da-gasolina-vai-descer-devido-a-alta-do-euro>
- Open Subtitles. 2014. Jack Ryan: Shadow Recruit. <https://www.opensubtitles.com/en/subtitles/legacy/5673502>.
- Sábado. 14 de março de 2015. Gasolina volta a subir dois cêntimos na próxima semana. https://arquivo.pt/wayback/20150314185919/http://www.sabado.pt/dinheiro/detalhe/gasolina_volta_a_subir_dois_centimos_na_proxima_semana.html.
- SIC Notícias. 24 de janeiro de 2025. Depois de uma grande subida, preço dos combustíveis vai descer. <https://sicnoticias.pt/especiais/combustiveis/2025-01-24-depois-de-uma-grande-subida-preco-dos-combustiveis-vai-descer-ca795376sicnoticias.pt>.